

A Criminalidade em Ascensão: uma Visão Civilizacional¹

Por Olavo de Carvalho

Nós temos aqui um longo programa a cumprir. O nosso assunto é complexo e nosso empreendimento aqui será como que de ordem médica: nós vamos colocar brevemente os princípios usados para descrição de fenômeno e em seguida passaremos à descrição e ao diagnóstico sem nenhum intuito de chegar a uma sugestão de terapêutica. Mas eu creio que a simples descrição exata do estado de coisas é a preliminar a qualquer veleidade de tomar uma atitude.

O assunto que nos chama aqui é evidentemente do interesse primordial da ciência política. A ciência política é uma dessas ciências que vivem em crise e que se desentendem consigo mesmas a cada seis meses. Então, em primeiro lugar, não existe nenhuma ciência, sobretudo da sociedade humana, se não pudermos operar na base de conceitos identificáveis não apenas de conceitos convencionais – palavras de significado fixado – mas de conceitos que reflitam realidades reconhecíveis na experiência direta de qualquer pessoa. A ciência política lida essencialmente com o fenômeno chamado ‘poder’, e o significado do poder é diretamente acessível a qualquer ser humano: poder é possibilidade de ação, é poder fazer alguma coisa. Nós temos o privilégio de falarmos numa língua em que o substantivo poder corresponde ao verbo poder, o que nos torna imediatamente inteligível o sentido da palavra mesma.

Existem três e apenas três tipos de poder, que nós vamos chamar de poder espiritual, poder político militar e o poder econômico. Esses três tipos aparecem já nas formas mais primitivas de civilização. Qualquer tribo de índios tem uma função e uma casta sacerdotal, uma função e uma casta guerreira e governante e um terceiro elemento que normalmente, pela tradição européia, se chama ‘a dieta’ – cada sociedade tem um nome diferente para isto – e que é a assembléia dos produtores. Nós aqui, por exemplo, estamos numa reunião da dieta; excetuando os que são estudantes, todos os que fazem parte da Associação Comercial são membros da dieta.

Estes três poderes reaparecem em Roma sob a forma de três cultos: o culto de Júpiter, o culto de Marte e o culto de Kirinos, isto correspondendo a cada uma das castas. Esta estrutura tríplice reaparece na Idade Média sob a forma dos famosos três estados: o clero, a nobreza e o terceiro estado. Reaparece dentro das sociedades democráticas modernas sob a forma da intelectualidade ou inteligentzia, da casta político-burocrático-militar e da classe proprietária. E reaparece dentro da sociedade socialista sob a forma tríplice do Partido, o governo ou a burocracia, e a administração local da economia. De modo que nós podemos admitir à primeira vista que esta estrutura tríplice é universal e é constante, que ela é independente das variações da estrutura social e política, ela é independente de qualquer variação temporal ou local. Não existe nenhuma sociedade onde estas três formas de poder não reapareçam. Portanto, em todas as sociedades humanas nós reencontramos estas três formas de poder, articuladas de maneiras diferentes, mas sempre presentes.

Por exemplo, se pegamos a sociedade hindú, nesta as três formas de poder correspondem a castas determinadas e hereditariamente selecionadas. Existe uma casta brâmane, incumbida do poder espiritual, sacerdotal, a casta kshatrya, governante e guerreira, e a casta vaysha, que seria dos comerciantes e produtores. Estas três castas são distinguidas geneticamente, quer dizer, filho de brâmane é brâmane, e assim por diante. Se pegamos a sociedade medieval, algumas das castas são hereditárias e outras não; a aristocracia é hereditária, mas o sacerdócio e o comércio não. Então existem muitas maneiras diferentes de combinar e articular estas três castas, estas três funções, mas elas estão sempre presentes porque elas correspondem à própria natureza do

¹ Palestra proferida na Associação Comercial do Rio de Janeiro em 13 de maio de 2002.

fenômeno chamado poder. Por enquanto pode parecer que isto não tem grande coisa a ver com o banditismo e a criminalidade mas nós vamos chegar lá, e quando chegarmos vocês vão levar um susto. É que temos que colocar bem os conceitos de base para que nada fique de fora, temos que explicar o mais detalhado possível, não importando o trabalho que isto nos dê ou o sofrimento pelo qual vocês tenham que passar, sendo que seu investimento de paciência será tão grande quanto meu investimento de trabalho.

Estas três modalidades de poder são distintas porque elas usam de meios de ação diferentes que não são intercambiáveis – um não pode ser trocado pelo outro. Isto quer dizer que você não pode conquistar um destes tipos de poder e nem exercê-lo pelos meios do outro. Por exemplo, não se pode conquistar a riqueza por meios político-militares, não se pode conquistar o poder político-militar por meios fabris e comerciais, não se pode conquistar o poder sacerdotal e intelectual pelo meio das outras duas. Então estes meios não são trocáveis e dificilmente se encontra um ser humano no qual a aptidão para o exercício de dois ou três desses se encontre juntos. Um exemplo clássico seria Maomé, que até certo ponto exerceu os três tipos porque foi um líder religioso, espiritual, um comandante militar, e também comerciante. A diferença é que ele foi igualmente grande como líder religioso e como comandante militar, mas como comerciante ele foi apenas razoável. E note que este foi um dos maiores gênios da humanidade. Ou seja, a capacidade pessoal para o exercício dos três poderes rarissimamente aparece, e daí a tendência a haver uma espécie de especialização e a formação de grupos distintos que exercem esses três poderes. Como a cada um deles corresponde um meio de ação determinado que não é trocável com o meio de ação dos outros dois, assim também corresponde da parte das pessoas que não têm poder três motivos de obediência completamente diferentes. Se perguntarmos por que um indivíduo obedece a um governante e por que ele obedece ao patrão para quem ele trabalha, vocês verão que os motivos são completamente diferentes. Nós obedecemos ao governante porque senão ele nos pune, nos põe na cadeia, nos bate ou nos faz algum malefício. Mas será que é por isso que você obedece ao patrão para quem você trabalha? Se o empregado não obedecer o patrão bate nele? Não. Isto quer dizer que o empregado obedece ao patrão em vista de um benefício que ele espera obter dele, exatamente o contrário do motivo pelo qual ele obedece ao governante, ao qual nós obedecemos para evitar um malefício que ele possa nos fazer. Max Weber já dizia que todo governo se baseia em última análise no monopólio do exercício legítimo da força física, só quem pode nos prender, nos bater e nos prejudicar fisicamente sem ser por isso condenado pela opinião pública é o governante legitimamente constituído e aceito como tal pela comunidade. Isto quer dizer que os motivos de obediência são simetricamente opostos no caso do poder governante e do poder econômico. Se você quiser inverter isto aqui não vai funcionar. Se um governo desistir de seus meios de coerção física e tentar ser obedecido somente na base do benefício e do salário ele cairá. Do mesmo modo se o patrão, comerciante, industrial ou capitalista não pagar nada aos empregados mas ameaçar castigá-los ou bater neles no fim do mês ele não será obedecido. Então estes exemplos bastam para ver como as modalidades de poder não são intercambiáveis, não são misturáveis. Objetivamente elas são distintas.

Quanto ao poder espiritual, intelectual ou sacerdotal – como queiram chamá-lo – ele consiste no conhecimento ou transmissão, ou às vezes também ocultação, de certas chaves básicas, das categorias básicas de pensamento que para uma determinada comunidade distinguem o real do irreal, o possível do impossível, o pensável do impensável. Isto quer dizer que você obedece ao poder sacerdotal ou intelectual sem nem precisar saber que o obedece. Você obedece simplesmente porque não consegue pensar nada fora daquilo que a tradição sacerdotal ou intelectual de sua comunidade criou, gerou e colocou em circulação. Isto quer dizer que para os membros de uma coletividade determinada só é real, só é verdadeiro, só é existente aquilo que o poder intelectual constituído admite como tal. Por exemplo, se o poder intelectual constituído admite que existem demônios imediatamente as pessoas passam a ver demônios. Existem ao longo da história medieval mais depoimentos de pessoas que se encontraram com Satanás do que de pessoas que se encontraram com qualquer outra pessoa. Ou seja, a pessoa mais real durante a

Idade Média parece ter sido Satanás. Existem mais depoimentos sobre a presença de Satanás do que sobre a presença de São Luís rei da França. Se no instante seguinte o poder intelectual decide, por exemplo, que a alma não existe e que o homem é apenas um animal, automaticamente matar os bebês nos ventres de suas mães se torna uma simples questão de livre escolha, uma atitude decente como qualquer outra, ao passo que matar um urubu se torna um crime inafiançável.

Acho que estes exemplos bastam para vocês entenderem a imensidão e profundidade do poder intelectual. Aquilo que para a casta intelectual não existe, para o resto da população também não existe. É claro que dentro da casta intelectual as decisões dela podem ser discutidas, mas você de fora não pode discutir. Ou você participa da elaboração da cultura superior e discute desde dentro ou você está fora e nem entende a discussão.

A partir destas distinções nós também podemos compreender que existe uma diferença de tempo no exercício de cada um destes poderes. Por exemplo, o poder espiritual ou intelectual nunca é poder pessoal; ou seja, as crenças, idéias, valores, categorias que são geradas numa determinada geração em geral só entram em vigor e viram crença estabelecida depois de três ou quatro gerações depois. Por exemplo, todos vocês já devem ter ouvido dizer que a pessoa de Aristóteles domina a cultura ocidental durante uns quinhentos anos; só que estes quinhentos anos começaram mais de mil e quinhentos anos depois da morte dele. O poder espiritual, sacerdotal, talvez seja o mais profundo e mais abrangente, mas ele só funciona a longuíssimo prazo. Ninguém pode mudar o quadro de convicções, o quadro de percepção de uma comunidade do dia para a noite, isto leva no mínimo décadas, mas em geral séculos e até milênios. O poder político-militar, ao contrário, é o de ação mais instantânea, porque ele consegue a obediência imediata sob ameaça de castigo ou até de morte. Para compensar ele também é o poder de mais curta duração. Isto quer dizer que as decisões e ações do poder político-militar são de muito pouca durabilidade. Se nós tomarmos o exemplo de um...

... Adolph Hitler, ele disse que ia fazer um império que duraria mil anos, mas durou somente doze. Comparem a curta duração das ações do poder político-militar com a longa...

... unidade há mais de cinco mil anos. Do mesmo modo Maomé que traz o texto do Corão, que está sendo obedecido há mais de mil e quatrocentos anos. Isto para vocês pegarem a diferença, que o poder sacerdotal é de longuíssimo prazo e o poder político-militar é de curto prazo mas de grande impacto naquele momento. Quanto ao poder econômico, ele em termos de duração é uma espécie de intermediário, porque a capacidade do poder econômico consiste em organizar o trabalho e recursos existentes em vista da produção dos bens necessários à coletividade. Bens esses que por sua vez às vezes limitam severamente as possibilidades de ação de uma comunidade. Por exemplo, Napoleão, que nada entendia de comércio mas muito de guerra, ele dizia que as três condições para fazer uma guerra são: dinheiro, dinheiro e dinheiro. Isto quer dizer que ele sendo um homem do poder político-militar ele compreendia perfeitamente a limitação que as leis próprias do poder econômico impunham à ação político-militar.

Auditório: e o poder psico-social?

Faz parte do poder sacerdotal; é uma variante. É claro que uma vez colocados estes conceitos gerais para você aplicá-los à descrição de qualquer sociedade em particular e especialmente à sociedade moderna, você precisa introduzir sub-conceitos e novas distinções. Então o chamado poder psico-social seria uma das variantes do chamado poder espiritual, tal como aparece nas sociedades de hoje, especialmente sob a forma da mídia. A mídia faz parte da intelectualidade, e a intelectualidade não passa de uma versão moderna do poder sacerdotal. Primeiro fazemos a tipologia geral e depois baixamos para as sociedades atuais.

Estes três poderes sempre estão presentes em qualquer sociedade, de uma maneira ou de outra. Porém, no século XX se forma um dos fenômenos mais estranhos de toda a história mundial. É que se formam três blocos civilizacionais, que sob certos aspectos poderiam ser considerados também blocos geo-políticos ou também blocos econômicos, cujas culturas

refletem unilateralmente concepções do mundo correspondentes a cada um destes três poderes. Isto quer dizer que num bloco são predominantes os valores e critérios de tipo sacerdotal, no outro os de tipo político-militar e no terceiro os de tipo econômico. Isto nunca aconteceu em toda história humana. O que eu quero dizer com predomínio dos critérios? Critério no sentido em que emprego a palavra é apenas o modo de distinguir o que lhe parece real do que lhe parece ideal. Os critérios típicos de casta sacerdotal são sempre baseados na consideração de certos fatores últimos que dizem respeito ao sentido derradeiro da vida humana. De certo modo uma casta sacerdotal ou intelectual detém em sua mão algum conhecimento sobre o sentido global da existência humana ou o sentido global da história, ou pelo menos o que tal lhe parece, e portanto ela se coloca como intérprete do sentido e do rumo para onde as coisas estão indo. Por exemplo, se vocês lerem com atenção os livros do Velho Testamento vocês verão que cada um das etapas da história do povo judeu reflete um diálogo coletivo com Deus. Então Deus coloca a este povo um certo sentido da existência e lhe indica um caminho. Este caminho às vezes parece mais claro, às vezes parece mais obscuro, de maneira que às vezes o povo consegue seguir aquilo e às vezes se afasta formidavelmente. Então você tem no Antigo Testamento a história das ascensões e quedas do povo judeu conforme ele consiga ou não interpretar e obedecer à vontade de Deus. Quem leu o Antigo Testamento sabe que é exatamente isto: quando o povo consegue atinar qual é o sentido da instrução dada por Deus e ele obedece, ele se sai bem, quando não consegue ele se sai mal. Isto começa na própria narrativa do Jardim do Éden. Vocês verão que quando Eva aceita a sugestão da serpente existe nesta narrativa um momento indeciso em que você não sabe se Eva errou moralmente ou intelectualmente. Você não sabe se ela quis fazer a coisa errada ou se ela teve uma compreensão obscura da coisa. Neste momento Eva funciona como símbolo da casta sacerdotal, ela é o intérprete da vontade de Deus, intérprete do rumo da existência, e portanto intérprete do futuro. Isto quer dizer que naquele episódio Eva surge como símbolo da casta sacerdotal, aquela que detém o conhecimento e aquela que interpreta a vontade de Deus e, portanto, o rumo das coisas. E no caso ela interpreta errado, passa para Adão a interpretação errada e Adão erra também e todos se dão muito mal. Mas o restante do Antigo Testamento é cheio dessas coisas. Por exemplo, na narrativa do profeta Jonas, quando ele recebe de Deus uma instrução de que ele vá fazer uma pregação na cidade tal. Ele recebe a instrução mas aquilo parece que não atinge realmente a consciência dele, ele recebe aquilo superficialmente e ele crê que pode evitar aquele destino, pode fugir daquela ordem, mas não pode e ele se dá muito mal, passa por uma série de peripécias, até interpretar a ordem recebida e entender que ela era pra valer. Então esta é a função da casta sacerdotal ou intelectual, ela interpreta, bem ou mal, corretamente ou incorretamente, o sentido da existência e, portanto, o rumo do futuro. Isto quer dizer que as instruções que ela dá à comunidade são sempre de longuíssimo prazo. Ela orienta a comunidade como um todo e ela aposta sempre no rumo final das coisas. Se vocês tomarem como exemplo o clero católico, este há dois mil anos aposta na consecução de um certo rumo, de um certo sentido da história destinado a se atualizar em prazo longuíssimo. Isto não acontece só com o clero católico mas os budistas também têm uma versão a respeito de como seriam os últimos tempos e como todos os budistas ao longo da história devem ir se encaminhando naquela direção, e outro tanto têm também os judeus, os mussulmanos, entre outros. Esta interpretação reaparece também no chamado clero marxista. O que é o Partido Comunista senão o intérprete do sentido da história. Eles acreditam que a história está indo numa certa direção e, portanto, se propõem a guiar a população naquela direção. Não guiar politicamente mas guiar intelectualmente, porque guiar politicamente só poderia ser na mesma geração e instantaneamente. Ninguém pode exercer o poder político depois de morto, mas o poder intelectual sim. Então, quando Karl Marx ou Lenin interpretam a história a seu modo e indicam um rumo para o movimento revolucionário eles estão atuando rigorosamente como casta sacerdotal.

Quando chegamos no século XX aí se formam três blocos civilizacionais e geopolíticos que um deles reflete valores e critérios de casta sacerdotal, outro de casta político-militar – burocracia estatal – e outro de casta econômica. Dentro de cada um destes blocos a distinção dos três poderes continua existindo, só que cada um deles é abrangido por uma cosmovisão que é

característica de uma das castas. Ninguém compreenderá uma linha do que está acontecendo no mundo islâmico se não entende que os valores e critérios básicos da interpretação islâmica do mundo são de casta sacerdotal. Portanto, que tudo que cada governante islâmico faz se baseia numa expectativa de longuíssimo prazo, que deverá terminar com a islamização de uma boa parte do mundo – eles estão apostando nisso. Como os valores básicos são de casta sacerdotal não há nenhuma pressa e não importa quantos morram neste trajeto e não importa se o próprio representante da casta sacerdotal morra, porque a finalidade será cumprida, no seu entender, de uma maneira ou de outra e a existência desta finalidade é mais real até do que a existência deste mundo onde estamos. A finalidade da história, quer dizer, o rumo, o alvo para o qual a história tende é no entender de uma casta sacerdotal islâmica até mais real do que este mundo do dia-a-dia onde vivemos. Então cada decisão do dia-a-dia, cada decisão, seja pessoal ou seja estratégica, pode ser tomada em vista de um futuro muito longínquo.

Auditório: me parece que esta casta islâmica tem mais características da casta econômica.

De jeito nenhum. Esta é a grande ilusão. (???) vale a pena mas ella não faz sentido dentro do ponto de vista islâmico. Você não esqueça que o Islam se fosse depender de sua organização econômica racional ele não existiria mais. O Islam foi salvo da extinção econômica por um milagre: a descoberta do petróleo. Isto quer dizer que quando eles dizem ‘se nós obedecermos a Deus e seguirmos direitinho Ele arrumará uma saída para nós’ nós nunca devemos rir disto porque isto vem acontecendo. A incapacidade de organização econômica de todo mundo islâmico é fabulosa. A incapacidade de organização política é mais prodigiosa ainda. Por exemplo, todo mundo já ouviu falar de sunitas e xiitas. Vocês sabem qual é a origem desta divisão? Enquanto estava vivo o profeta Maomé, estava tudo muito bem porque ele juntava em si miraculosamente a aptidão para a condução espiritual e para a liderança político-militar de seu povo. Quando ele morreu, no dia seguinte eles perceberam que eles não sabiam que tipo de governo eles tinham que ter. Então uns achavam que o governo tinha que ser uma continuação da missão profética e outros achavam que não tinha mais missão profética porque o profeta morreu, então o governante seria apenas um governante civil. Esta briga se arrasta há quatorze séculos. Como é possível organizar politicamente o mundo islâmico? É impossível. No entanto a total anarquia política que reina no mundo islâmico contrasta de uma maneira impressionante com a ordem moral e religiosa que impera, porque não importa qual é sua crença política, seu partido, na hora em que há o chamamento à prece o mundo islâmico inteirinho pára.

Auditório: há uma desordem política mas é um povo coeso, unido, fortalecido através não da fé mas do fanatismo, eles são em essência fanáticos.

Nós temos que analisar as situações com conceitos identificáveis e que correspondam à estrutura do fenômeno que estamos descrevendo. A distinção entre fé e fanatismo é uma distinção muito moderna, ela começa a aparecer a partir do século XVIII, dentro de um contexto ocidental e referido a atitudes religiosas ocidentais. Essa distinção do ponto de vista islâmico não faz o menor sentido, assim como não faria sentido no contexto medieval. Para que você possa dizer que uma pessoa é fanática é preciso que você creia que ela está decidindo por critérios religiosos assuntos que não são pertinentes à religião mas que deveriam ser decididos por outros critérios. Mas se não há outros critérios à disposição tudo será decidido pela religião. Isto quer dizer que a noção de fanatismo só pode se aplicar em contextos onde há valores religiosos e não-religiosos à disposição. Se não há outros valores além dos religiosos o sujeito vai seguir a religião em tudo, e não se pode dizer que ele seja fanático, porque ele não tem alternativa. No julgamento que estes três blocos civilizacionais fazem uns dos outros e na visão que eles têm uns dos outros nós veremos um tecido de equívocos mútuos absolutamente alucinante, porque cada um olha o outro com suas categorias de pensamento. Dizer que uma pessoa é fanática, este é o tipo de juízo que faz sentido dentro de uma sociedade democrática moderna, onde a religião é considerada

apenas uma escolha pessoal livre, onde o sujeito segue a religião se quiser, se ele não quiser ele segue outra coisa. Mas se não houver outra coisa a seguir? Então ele não tem a opção de ser fanático ou não ser fanático, esse conceito não se aplica absolutamente. Eu vou tentar descrever cada um destes três blocos civilizacionais tal como ele mesmo se entende e tal como ele mesmo vive na prática. Depois nós vamos ver os cruzamentos e ver a confusão que vai dar, como é quase impossível um entender o que o outro está fazendo. E, quando terminar isto vocês vão ver que o que eu estou anunciando aqui é o total fracasso dos chamados estudos estratégicos feitos pelo Pentágono, por todos os governos do mundo, não estão entendendo nada, porque estão querendo descrever uma situação mundial com conceitos locais. Não há ainda uma ciência de nível abrangente que possa permitir a comparação. É claro que eu não sou o único sujeito trabalhando no desenvolvimento desta ciência, existem pessoas fazendo isto há sessenta anos, e eu acredito que a sobrevivência da humanidade depende de que estes estudos progridam, senão não vamos entender nada, muito menos um fenômeno como a criminalidade crescente, que será a conclusão de nossa exposição.

É claro que nós podemos olhar nosso vizinho que mora no Brasil, Inglaterra ou Estados Unidos e dizer que ele é fanático, mas dentro do próprio contexto islâmico o conceito de fanático não faz a menor diferença porque não há um único critério não-religioso para decidir o que quer que seja. Por exemplo, se você quer montar uma loja, existem normas islâmicas para você fazer isto. Se você vai casar, existem normas islâmicas. Se você vai comprar uma casa existem normas islâmicas. Para você tomar banho, escovar os dentes, para o marido fazer amor com a mulher, existem normas islâmicas. Existem normas islâmicas para tudo, não existe uma única regra prática de vida que venha de fora da religião. Então não há nenhuma outra norma e ninguém sente a necessidade de outra norma, só sentiriam se aquilo começar a falhar, mas parece que isto não aconteceu até hoje.

Auditório: é como acontece com as línguas (nota: não entendi direito)...

Não, eu estou dizendo que a visão que estes blocos têm um do outro são hoje muito mais estanques que as pessoas imaginam, e muito mais estanques do que tem que ser. Se eu estou explicando aqui os três então não tem que ser estanque, mas o fato é que tem sido. Tem que ter uma intertradução senão vamos estourar este planeta, esta é que é a verdade. As pessoas têm o direito e o dever de entender o que está acontecendo, e esta é a função dos filósofos e dos cientistas políticos, sociólogos, nós temos que buscar conceitos que funcionem, que permitam descrever a realidade tal como ela possa ser reconhecida na experiência real. Por exemplo, se um cientista político americano tenta descrever a situação do mundo medindo o grau de democracia que existe nos vários países ele não vai entender nada, porque mais ou menos democracia é um problema que existe dentro de uma democracia, mas para blocos civilizacionais que são totalmente alheios a este conceito isto não faz o menor sentido. Isto é como eu descrever uma outra pessoa através de meu quadro de interesses sem nada saber do dela. Claro que em alguns pontos vai coincidir mas a maior parte desta descrição será puramente fantasmagórica. Então, por exemplo, o conceito de fundamentalismo, que é o conceito mais usado para se referir aos radicais islâmicos, a mídia inteira usa isto, os cientistas políticos todos usam, mas de onde eles tiraram este conceito?

Auditório: mas eu continuo pensando que há opções sim, muitos islâmicos estudaram nos Estados Unidos e por vontade própria, achando que mereceriam o Céu, explodiram as duas torres mais poderosas dos Estados Unidos, havia uma condição de conhecer o outro lado do mundo... eles não querem saber de outras opções, que existem. Se isto não é fanatismo então por favor me explique...

Mas o conceito de fanatismo não se aplica de jeito nenhum à descrição deste fenômeno. O fato de haver muçulmanos que foram estudar em outros países não significa que eles com

suas opiniões pessoais possam mudar o rumo de uma civilização que tem mil e seiscentos anos. É muito difícil você sair dos quadros mentais da civilização. Eu vou dar um exemplo: os ateus que existem no mundo ocidental e no mundo islâmico. Se uma pessoa é muçulmana e a outra é cristã você supõe que elas estejam em desacordo sobre algumas coisas; se ficarem agnósticas ou atéias estarão em acordo. Mas você não queira saber quanto um ateu ex-muçulmano é diferente de um ateu ex-cristão ou ex-judeu, chegam a ser incomunicáveis. Isto quer dizer que mesmo o sujeito rompendo pessoalmente com sua civilização ele continua pensando dentro do quadro dela a não ser que ele faça um longíssimo exame como este que estou fazendo. Estas coisas não são fáceis, nós não vamos compreender as coisas na base de achar as pessoas ruins porque elas não agem como nós. Veja, hoje pode nos parecer um absurdo que o sujeito se deixe matar pela sua esperança no Paraíso mas se não tivessem feito isto por nós durante séculos no contexto cristão nós não teríamos nem civilização nem direitos humanos nem coisa nenhuma. Notem bem: compreender a realidade é uma coisa, tomar posição moral ou política é outra completamente diferente. Então eu peço que todas as tomadas de posição sejam adiadas até a compreensão suficiente do que acontece, e daí todos estarão livres para tomar suas posições. Por exemplo, eu tenho a minha opinião, eu tenho imensas simpatias pelo mundo islâmico, mas eu acho que o General Sharon está certo no que ele está fazendo. Eu não faria outra coisa no lugar dele, mas isto é uma tomada de posição minha, no final eu posso até justificá-la mas eu não devo permitir que ela interfira no que eu estou dizendo. Eu dei este exemplo porque parece absurdo.

Auditório: poderia dar exemplos dos diferentes tipos de ateus?

Existe um livro famosíssimo de um psicanalista francês chamado Gerard Mandel que se chama “A revolta contra o pai”, e também o famoso “O homem revoltado” do Albert Camus, que são fenomenologias da revolta ateuística. Esta revolta tem um sentido edípico em todo Ocidente. Ora, no Islam chamar Deus de Pai é pecado, Deus não é pai de maneira alguma. Então, de cara, o ateísmo não tem sentido edípico. Isto faz com que, por exemplo, se você ler o livro do Salman Rushdie, você vai ver que é um tipo de ateísmo totalmente estranho ao mundo ocidental. O ateu de proveniência cristã tem ainda aquele sentido de culpa de revolta contra o pai e tenta tomar o lugar do pai. O ateu islâmico não rompeu com pai nenhum, porque Deus não é pai, ele rompeu com a comunidade, que se chama Umma, que é como se fosse um imenso útero dentro do qual todos eles estão; então o sentimento dele é de estar perdido no espaço. O ateu ocidental luta contra uma autoridade, o ateu islâmico não, ele cortou o cordão umbilical e está sozinho. Isto é para dar um exemplo e mostrar até que ponto mesmo os homens que rompem com uma determinada crença estabelecida não rompem com seu fundo civilizacional.

O segundo bloco a que me refiro é o bloco comunista. O bloco comunista ainda existe. É um absurdo você dizer que o comunismo acabou quando você tem um bilhão e quatrocentos milhões de pessoas vivendo na China, Coréia do Norte, Vietnam e em Cuba. Por outro lado vocês imaginem se ao final da Segunda Guerra Mundial, tendo terminado a guerra, caísse o Fuhrer mas a Gestapo continuasse intacta, sem que nenhum integrante da Gestapo fosse castigado. Poderíamos dizer que acabou o nazismo? Quando se diz que o comunismo acabou as pessoas esquecem que ninguém foi demitido da KGB e ninguém foi castigado pelos atos da KGB, esta está intacta. Portanto este bloco, considerado como poder atuante, ainda existe. Para este bloco só o que existe de imediato, como realidade imediata é a ação histórica, feita através de uma militância que se incorpora num estado. Portanto o horizonte de visão do mundo comunista é dado pela cosmovisão do poder político-militar. Isto quer dizer que se no mundo islâmico nós encontramos uma capacidade extraordinária de organizar a vida moral da comunidade independentemente da bagunça política e econômica, no mundo comunista nós encontramos uma prodigiosa capacidade de organizar o poder estatal independentemente da bagunça moral e da anarquia econômica. Por exemplo, nenhum estado jamais criou uma polícia secreta eficiente como a KGB, isto é absolutamente impensável seja do ponto de vista islâmico, seja do ponto de vista ocidental. É como se você dissesse que o bloco comunista é especialista em poder político-

militar. Como o centro dessa civilização, deste bloco civilizacional é o poder político-militar isto quer dizer que aquilo que do ponto de vista ocidental poderia ser um desastre, por exemplo, econômico, para eles às vezes não é. Por exemplo, em 1917 houve um deputado menchevique – um social-democrata, um tucano, diríamos hoje – fez a seguinte análise econômica do comunismo: esse regime vai fracassar, porque a base da economia russa são os pequenos proprietários rurais, e estes não vão concordar com economia coletivizada, não vão entregar suas produções ao Estado e este vai falir. Isto de fato aconteceu, os pequenos proprietários de fato não entregaram a produção e de fato o Estado faliu. Só que este é um raciocínio econômico e a elite soviética não raciocinava economicamente, ela raciocinava militarmente. Então o que ela fez? Mandou matar os proprietários rurais e tomou a produção à força. Isto em termos de economia ocidental seria um absurdo, mas lá funciona. Outro exemplo de como o raciocínio econômico à sociedade que está sob a obsessão do poder político-militar é que quando houve a Revolução Francesa a França faliu, a economia francesa ruuiu totalmente, e isto quer dizer que seria de se prever que a revolução iria acabar e que a França seria dominada pelos outros países. Mas acontece que a casta que governava a França não raciocinava economicamente, ela raciocinava em termos de poder estatal. Então o que fez? Constituiu um exército, que foi o maior exército da época, composto por homens esfarrapados, mas que eram um milhão – antes da revolução o maior exército tinha 144 mil homens – entregam ao comando de Napoleão, e Napoleão durante dez anos sustenta a França roubando, invadindo e saqueando todos os países em torno. Este homem sustentou a França. A relação do poder político-militar com a economia está simbolizada numa passagem do romance “Salammbô” de Gustave Flaubert no qual um soldado diz para o outro: quando acabar esta guerra eu vou comprar uma terra porque eu quero ser agricultor e quero ficar rico; no que o outro diz: eu vou ficar muito mais rico do que você mas não vou plantar nem colher nada, porque – ele puxa a espada – este é o meu arado, eu vou esperar os outros plantarem e eu vou lá e tomo deles. Todos os governos totalitários sempre raciocinam assim, eles não precisam ter racionalidade econômica porque a racionalidade é político-militar. Isto quer dizer que se a economia deles fracassa, não tem problema, basta que a economia do vizinho dê certo e ele invade o vizinho.

Finalmente, existe o terceiro bloco, que é o bloco ocidental. Este bloco incorpora a cosmovisão do poder econômico. O poder econômico é baseado em racionalidade, ordem, ação ordenada em vista de um resultado vantajoso. Toda ação econômica é organizada assim, ela é, como diz Max Weber, ação racional conforme os fins: você vê quanto precisa ganhar, quais são as operações necessárias para chegar naquele ponto e você, organizando tudo, você chega lá. O que nós chamamos de democracia não é nada mais do que a extrapolação política da economia de mercado: os candidatos concorrem numa eleição exatamente como os produtos concorrem no mercado. A prosperidade econômica e o pleno domínio do poder econômico dependem de que exista paz e ordem, porque tão logo exista uma guerra todos os critérios de economia de mercado já vão para o brejo. Por exemplo, até que ponto faz sentido a liberdade econômica numa situação de guerra, onde o governo é obrigado a intervir para forçar a produção de armas e fazer as pessoas trabalharem dezesseis horas em vez de oito por dia, e assim por diante? Isto quer dizer que liberdade de mercado e, portanto, liberdade democrática subentendem a paz. Não existe uma única democracia no mundo que submetida a uma situação de guerra não suspendesse imediatamente a vigência de quase todos os direitos políticos. Por exemplo, se vocês estudarem o que fez Abraham Lincoln durante a Guerra Civil Americana, ele foi o inventor dos campos de concentração. Ninguém negará que ele era um democrata sincero; só que democrata em tempo de paz; não se pode fazer uma guerra democraticamente. A democracia é o reinado do livre comércio e do livre mercado transposto em termos de política. Ele subentende a paz e a segurança, sem paz e segurança não há liberdade de mercado. E o mercado, por sua vez, não pode assegurar nem paz nem segurança. Isto quer dizer que a partir do momento em que todo o Ocidente absorve as idéias modernas e liberais de economia de mercado e democracia ele consegue instaurar a liberdade de mercado e a democracia porque ele antes já tinha o poder político-militar que lhe permitia desenvolver isto em paz. Ou seja, é curioso que os teóricos

liberais sempre insistam no princípio de que nada se obtém de graça – Milton Friedman dizia que não existe almoço grátis, que é um dos princípios básicos da economia liberal – porém ao mesmo tempo todos estes liberais acreditam que a liberdade de mercado é grátis, que ela se obtém grátis. Não, ela depende de duas condições que são criadas e mantidas por poderes anteriores. Adam Smith já tinha percebido e ele afirma taxativamente que a economia de mercado depende de que haja uma série de valores morais consolidados que a própria economia de mercado não pode criar. É por isso que a economia de mercado surge em meios moralmente homogêneos, meios onde a moral protestante estava profundamente arraigada. Então não havia mais tanta discussão do ponto de vista moral, e havendo a moralidade homogênea pode haver a liberdade de mercado, senão não. E em segundo lugar a liberdade de mercado subentende um Estado capaz de defender o território contra os inimigos, porque se houver uma guerra ou uma invasão acaba a liberdade de mercado. Isto quer dizer que a própria liberdade de mercado e a própria idéia de democracia, que é um derivado dela, não pode ser usada como princípio nem para a esfera moral, que a transcende, e nem para a esfera político-militar, que também a transcende. No entanto, quase todas as análises que nós vemos circular no Ocidente, seja a respeito do fenômeno comunista seja a respeito do fenômeno islâmico, são todas baseadas numa filosofia política ocidental criada dentro do contexto de democracia e liberdade de mercado. Isto quer dizer que para o analista ocidental quando ele diz que o socialismo é economicamente inviável ele já se crê vencedor. Ora, a inviabilidade econômica do socialismo foi provada em 1928 por Ludwig von Mises. Ele provou que a economia socialista era absolutamente impossível. Mas como é que ela conseguiu durar mais de cinquenta anos depois disso? É simples, porque a economia não era o princípio básico que movia a sociedade soviética. Uma sociedade militarmente organizada pode sobreviver a seu fracasso econômico, basta que ela tenha vizinhos suficientemente ricos para ela invadir e explorar, e basta que ela tenha os meios policiais de organizar o trabalho escravo, tomar as propriedades de todo mundo, e assim por diante. Um regime economicamente falido pode se sobreviver quase que indefinidamente, com base nisto. Mas os analistas políticos liberais nunca entenderam isto, e por isso sempre foram surpreendidos pelos sucessos de um regime que lhes parecia falido, e a última surpresa que eles estão levando é agora, porque quando se aboliu a União Soviética no instante seguinte todos disseram: o comunismo acabou, é coisa do passado. Ora, todo mundo se lembra da década de setenta, quando havia guerrilhas por toda parte na América Latina, porque o comunismo parecia em ascensão. Mas como é que hoje, passados mais de dez anos da queda do comunismo há muito mais guerrilhas do que na década de setenta? É porque a lógica do funcionamento da sociedade comunista e, portanto, do movimento comunista não é de maneira alguma a lógica da economia de mercado, não é a racionalidade da economia de mercado, mas é uma racionalidade exclusivamente político-militar, de ordem totalitária, que funciona sob outros critérios.

Colocados estes princípios vocês verão que no mundo inteiro o fenômeno da criminalidade ascendente só existe no mundo ocidental, só existe nas democracias modernas. Não há criminalidade ascendente no mundo islâmico porque a lei é muito rígida e porque existe uma homogeneidade moral fantástica. Por exemplo, quando o secretário de Estado Americano William Rogers foi à Arábia Saudita ele caminha sozinho pelas ruas sem guarda-costas, porque não havia o menor perigo. O índice de criminalidade nos países islâmicos é talvez o mais baixo do mundo.

Auditório: por quê?

Porque a lei religiosa é muito dura e todos acreditam nela, e não há mais nenhuma outra alternativa, não há a possibilidade de o sujeito não acreditar nesta idéia porque não há mais nenhuma outra à disposição.

Auditório: não há impunidade lá.

Típica maneira ocidental de raciocinar. Vou lhe dar um exemplo: no mundo islâmico o crime de adultério é punido com pena de morte. Então existe fidelidade matrimonial porque as pessoas têm medo de morrer. Mas só que desde que existe Arábia Saudita o número de pessoas condenadas por crime de adultério ao longo de quatorze séculos é de quatorze pessoas. Não é o exemplo da punição que cria a boa conduta, é a total homogeneidade moral. Não é necessário punir, tanto que a própria lei coloca obstáculos à sua própria aplicação. Por exemplo, a punição do crime de adultério é a pena de morte, mas qual é a prova do crime de adultério? É preciso apresentar quatro testemunhas que tenham visto a imissio pênis. Isto quer dizer que se você viu os dois pelados mas não viu a imissio pênis então não tem crime. Você viu os dois pelados um em cima do outro mas não viu a imissio pênis então não tem crime. O número de punições e de mãos cortadas é absolutamente insignificante se você comparar com o tamanho da coisa. A total homogeneidade moral dessa sociedade bloqueia a possibilidade do sujeito conjecturar crimes.

Auditório: é a moral ou o medo?

Eu acho que o senhor não entendeu bem a coisa. Quando existe uma homogeneidade profunda de crenças, de valores e de visão do mundo, visão da realidade é difícil as pessoas conjecturarem alguma coisa para fora daquilo. Isto quer dizer que a hipótese da conduta criminosas é raríssima, assim como numa tribo de índios. Numa tribo de índios existe transgressão? Existe, uma por século. Porque neste tipo de sociedade onde há uma cosmovisão praticamente fechada os indivíduos não tem uma autonomia de vôo, autonomia de imaginação a que estamos acostumados no mundo ocidental. Aqui nós temos a hipótese de obedecer por fé ou obedecer por medo, mas este conceito no contexto islâmico é absolutamente irrelevante. Nós temos o conceito da fé sincera, de que o crente sincero é ótimo e o hipócrita é terrível, mas no mundo islâmico o hipócrita também tem mérito. Se você acredita por fé sincera, por medo ou por hipocrisia tanto faz. Também os princípios que estruturam a religião islâmica são tão diferentes dos cristãos que as pessoas não conseguem imaginar. O Cristianismo é um caminho de salvação da alma, portanto ele é oferecido a cada indivíduo em particular e ele vai optar. O Islam não é isso, ele é caminho de salvação da coletividade como um todo, vai todo mundo junto. Isto quer dizer que a natureza da opção individual íntima, aquela que só Deus conhece, não vem ao caso religiosamente, mas no mundo cristão essa é a única coisa que interessa. No mundo cristão você tem a instituição da confissão, você confessa seus pecados, seja para o sacerdote, seja para a assembléia reunida. Isto no Islam é pecado. Se você cometer um pecado você o esconda pelo amor de Deus, porque se você confessar você está ensinando os outros a fazer. De onde vem essa diferença? É a diferença de critério entre a salvação da alma individual e a preservação da ordem social. Quando Cristo diz “meu Reino não é deste mundo”, Ele quer dizer que está falando para cada alma individualmente, pouco importando qual é o país em que ela vive, a sociedade em que ela está, e o Islam não, ele é uma lei sacra para toda a coletividade. O que vinte anos de estudos de religiões comparadas me ensinou é que elas são incomparáveis. Não há nada em uma que corresponda à outra, não são espécies do mesmo gênero. E daí a dificuldade de comunicação, e daí a dificuldade de entendimento também das diferenças políticas de parte a parte.

Mas, voltando ao nosso ponto, nós só encontramos o fenômeno do banditismo crescente nos dois últimos séculos nas democracias modernas. Do mundo islâmico ele está excluído pela brutal homogeneidade moral, social e política, que é também homogeneidade do imaginário. Por exemplo, um cristão quando ele vai comprar e vender ele está numa atividade que ele considera mundana, ele não vai confundir isto com assistir missa, mas comprar e vender dentro do Islam é atividade religiosa, regada por regras corânicas, também isto faz parte da religião. Não existe uma única atividade humana que seja considerada profana, não existe o conceito de profano no mundo islâmico. O Islam abrange tudo, tudo, tudo. Isto quer dizer que existe pouquíssima margem para a discrepância mental. Isto quer dizer que este tipo de autoridade nem precisa se impor pela força, o uso da força é raríssimo, porque simplesmente não há outra alternativa. A

coisa mais próxima que temos para comparar é uma tribo de índios. Nesta o exercício da coerção pela chefe é raríssimo, ele não precisa, porque as pessoas não se lembram de fazer nada que esteja fora daquele repertório. Não existe a idéia da individualidade autônoma contra a sociedade, idéia esta que faz parte do núcleo mesmo da civilização cristã. O Cristianismo é fundado justamente por aquele que era testemunha solitária de uma verdade que era negada por toda coletividade. Cristo crucificado é o único que naquele instante sabe a verdade. E a exposição do Cristianismo começa depois da morte e ressurreição de Cristo. No caso islâmico é o contrário, a formação do Islam é a história da participação geral, universal, de toda a sociedade islâmica numa verdade da qual o primeiro, o fundador, era o portador. Estas diferenças criam abismos de distinção entre estas civilizações. Por isto que os diagnósticos que eu leio de imprensa, de estrategistas, me parecem sempre de uma ingenuidade fora do comum, eles simplesmente não sabem do que estão falando.

Vamos fazer uma outra comparação. Nós vimos aqui como aparece o mundo islâmico do ponto de vista da democracia ocidental. Mas como aparece a democracia ocidental do ponto de vista comunista? Se você lê tudo que todos os militantes, líderes e teóricos comunistas escreveram sobre as democracias ocidentais ao longo de mais de cem anos vocês verão que mesmo os comunistas mais inteligentes acreditam piamente que a classe proprietária está continuamente conspirando para sufocar comunistas, quando ela rarissimamente faz isto. Porque do ponto de vista de uma cultura voltada inteiramente para a idéia de poder estatal só uma única ação faz sentido: aquela que visa a conquistas ou manter o poder estatal. E por isto mesmo o militante ou teórico comunista acha que o pessoal capitalista faz isto o tempo todo. Eles acreditam o tempo todo que a burguesia se organiza, contrata seus teóricos e os paga para fazer propaganda da burguesia. Eu nunca vi um burguês fazer isto na minha vida. Ao contrário, na medida em que a burguesia organiza a sociedade como democracia, ou seja, como uma espécie de economia de mercado transposta para a política, a burguesia só governa mediante negociação, transigência, acordo, consenso, etc, etc. Existe um grande estrategista americano chamado Jeffrey Niquist que disse: quando Karl Marx diz que a burguesia é a classe dominante ele a está lisonjeando, porque a burguesia nunca domina nada. Outra coisa: como é possível você...

... concorrência feroz entre os capitalistas e achar que ao mesmo tempo os capitalistas entram de pleno acordo para criar em estado burguês que os vai manter em cima? Ou eles estão concorrendo ou estão conspirando, não é possível. Então isto quer dizer que todas as análises comunistas do capitalismo são uma projeção sobre a sociedade capitalista de categorias inerentes à própria sociedade comunista.

Auditório: não poderia haver um momento em que os grandes capitalistas para manter uma certa hegemonia entrem em acordo de forma que seus negócios não sejam prejudicados?

Algumas vezes acontece, mas só que quando fazem isto o que acontece? Vamos estudar o que acontece no supra-sumo da burguesia universal, Wall Street, que é a elite da elite econômica. Estude ao longo de um século qual foi a política de Wall Street e você verá que em um século nunca Wall Street apoiou os candidatos favoráveis à economia liberal, à liberdade de mercado, sempre apoiou candidatos estadistas e intervencionistas e meio socialistas. Por que isto acontece? Existe um fenômeno inerente à mecânica da economia de mercado. A economia de mercado é tão próspera e funciona tão bem, ela gera tanta riqueza que ela cria entre aqueles beneficiados por ela uma classe que a transcende, que eu chamo de metacapitalistas. O metacapitalista é o sujeito que enriqueceu tanto que quando ele chega no supra-sumo da riqueza ele já não pode mais raciocinar como um capitalista sujeito às leis de mercado mas ele começa a entrar com considerações de ordem dinástica: como farei para assegurar que meu neto ou bisneto esteja tão rico quanto eu? Se ele se submeter às leis de mercado ele não pode ter esta garantia. Isto quer dizer que enriquecido pelas leis de mercado ele agora tem a necessidade de controlar o mercado...

... totalmente o comunismo porque o comunista vai tirar os bens dele, mas não pode apoiar a economia de mercado porque esta vai tirar o poder dele, então ele apóia a terceira via. A terceira via foi inventada...

... num livro de 1928. A idéia foi totalmente formulada pela Fabian Society. Esta é a ideologia do grande capitalista. A ideologia do grande capitalista é a terceira via. Isto quer dizer que quando os grandes capitalistas conspiram o que acontece? Socialismo. Nenhum capitalista jamais conspirou com outro em favor da economia de mercado, quando ele começa a conspirar acabou a economia de mercado, ele vai legislar em causa própria. Isto que explica o fenômeno que tanta gente considera absurdo de que muitas vezes grandes capitalistas financiem revoluções comunistas. Eles jamais fariam isto se fosse de sua conveniência de algum modo. Porque usam às vezes estas revoluções como meio de pressionar o Estado de seus países para que legisle em favor deles. Então o capitalista enquanto capitalista liberal jamais conspira com os outros e sim concorre com eles; quando ele começa a conspirar ele entra em outra clave, é como se ele passasse de um campo físico para outro campo e começa a funcionar segundo outras leis; ele não pode evitar isto. A classe capitalista organizada é um estado intervencionista.

Auditório: sobre a impossibilidade de nos desligarmos daquela fase sacerdotal.

Jamais nos desligamos. A ilusão de que podemos nos desligar é uma das causas da situação atual do mundo e uma das causas da criminalidade.

Auditório: então nós temos aí o típico caso de DNA filosófico, ou seja, nós não vamos conseguir nos desvencilhar dessa natureza pasteurizante da cultura sacerdotal.

Não, você tirou uma conclusão que eu levaria cem ou cinquenta anos para tirar. De jeito nenhum.

Auditório: então eu lhe faço uma provocação de natureza biológica, exatamente em cima dessa pasteurização que evidentemente é achapante para a intelectualidade de nós todos: todos nós que estamos aqui somos frutos de uma competição de espermatozóides; se somos frutos dessa competição e se o espermatozóide é conhecido há somente cento e cinquenta anos, não lhe pareça inexorável que a competição seja da natureza humana?

Essa questão é irrelevante. Porque nós raciocinarmos em termos de ciência biológica dentro desta análise que eu estou fazendo é o tipo de argumento que só serve no contexto ocidental. Um estado socialista pode se dar ao luxo de apostar numa biologia falsa, como apostou de fato, porque ter razão cientificamente só importa dentro da economia de mercado, da democracia, que é o reino da racionalidade prática. Onde há o reino da violência estatal pouco importa quem tem razão. É a famosa pergunta de Stalin: quantas divisões tem o Papa? Tudo será resolvido por meio da força. E se for preciso impor uma biologia falsa ele imporá e a sociedade não sairá perdendo com isso não. E é isto que os analistas ocidentais nunca entenderam e por isso é que tendo uma sociedade melhor e mais próspera apanharam tanto dos comunistas. Claro que em termos de democracia ocidental, você podendo escolher entre viver na Inglaterra e viver na União Soviética só um idiota perfeito escolheria a União Soviética. Hoje os adeptos todos de Cuba nenhum quer morar em Cuba, ele quer ser adepto de Cuba em Nova Iorque, em Miami. Mas por que ele continua adepto de Cuba? É porque só uma parte dele funciona com a racionalidade econômica, uma outra parte sonha com o poder estatal, poder de comandar pelo medo, e isto ele não pode obter por meios ocidentais, por meios democráticos. Ninguém numa democracia obtém este poder, pelo menos de maneira durável, e se o indivíduo deseja isto claro que enquanto ele não tiver o poder ele preferirá viver numa democracia. Mas se ele tiver a oportunidade de ele ter o poder no país comunista ele irá para lá correndo.

O fenômeno da criminalidade crescente só acontece nas democracias ocidentais, não acontece nos outros dois. Volto à minha explicação: no mundo islâmico, por causa da tremenda homogeneidade mental, que limita gravemente a possibilidade de ações individuais singulares divergentes, e no mundo comunista, totalitário – incluindo aí nacional-socialista, que neste sentido é mais ou menos a mesma coisa – porque o próprio estado assume a força da criminalidade, ele pode matar indefinidamente. Então não há criminalidade privada que possa competir com isto. Por exemplo, Lenin resolveu o problema da delinquência juvenil em quinze dias. Ele disse: encontrou, mata. Então ele resolve o problema porque ele é mais delinquente do que todos eles. Hitler do mesmo modo. Isto quer dizer que somente na democracia ocidental é possível o desenvolvimento de um fenômeno geral de criminalidade, porque na mesma medida em que organizamos uma sociedade que é baseada na liberdade de mercado, organizamos uma sociedade que é baseada numa liberdade total de crença, onde as pessoas podem acreditar no que quiserem. Isto quer dizer que não há nenhuma crença que possa ser imposta. E portanto também não há nenhuma autoridade que possa ser imposta uniformemente a todo mundo. O que também significa que a sociedade democrática e a liberdade de mercado podem continuar a existir enquanto se basearem em estruturas de segurança criadas anteriormente, estruturas de tipo: primeiro uniformidade moral, segundo um estado forte capaz de se defender. Se estas coisas forem eliminadas a liberdade de mercado é substituída pela liberdade do crime. Esta é a causa da criminalidade crescente em todo lugar. E isto se manifesta de uma maneira muito mais clara em países nos quais os dois fatores anteriores, os dois fatores antigos que permitem o surgimento da liberdade de mercado não foram bem consolidados. O Brasil não tem nem o mínimo de uniformidade moral que nós observamos em qualquer país europeu. Por exemplo, nós acreditamos que somos um país católico, mas isto é absolutamente impossível porque durante todo a existência do Império os dois imperadores eram maçons e odiavam o clero, e eles fizeram o diabo para que o clero não pudesse se manifestar. Quando começou o Império havia três mil monges no Brasil, quando terminou havia oito. Isto quer dizer que não só o clero foi diminuindo como ele foi decaindo. Houve uma prodigiosa decadência dos costumes. Tudo quanto era padre tinha no mínimo uma amante. Então o clero brasileiro durante o século passado foi o clero mais corrupto da história da Igreja, o mais corrupto e o mais desorganizado. Quando chega aqui o famoso Dom Vital, que era o núncio apostólico, brasileiro mas de formação suíça, portanto não acostumado com a bagunça brasileira mas com o ensino católico tradicional, ele chega aqui, fica escandalizado e resolve botar ordem no coreto. Ele termina na cadeia. Isto quer dizer que a nossa formação moral teve este grave hiato com este recuo da Igreja Católica sem uma concomitante entrada das igrejas evangélicas, que só vieram a entrar agora. Se tivessem amarrado a mão da Igreja mas dado algum outro ensino moral e religioso, tudo bem, mas não houve nada. Isto quer dizer que para o brasileiro a dimensão religiosa da existência é a coisa mais distante e abstrata que você possa imaginar. Ela não é uma coisa real no seu dia-a-dia. Nós podemos dizer que hoje em dia praticamente só os evangélicos vivem isto como realidade. Só o evangélico pode ser evangélico vinte e quatro horas por dia, o católico só é católico de vez em quando, quando ele lembra. Todos nós sabemos que a nossa religiosidade católica foi uma religiosa mais estética e festiva do que outra coisa, ela nunca foi um guiamento prático para a vida. Este é o primeiro elemento.

O segundo elemento é a formação do nosso estado. Se vocês estudarem a história dos Estados Unidos vocês verão que todas as cidades se formaram em torno de dois núcleos: o templo protestante e a loja maçônica. Isto estruturou os Estados Unidos. E no Brasil? No Brasil se estruturou em torno das fortalezas. Cada cidade brasileira é a expansão de uma fortaleza. Quem criou o Brasil foi o exército, o exército é a espinha dorsal da formação brasileira. Isto quer dizer que simplesmente não há estrutura de um estado civil que possa crescer sem a benção do exército. Eu não digo que isto seja bom nem que seja ruim, eu digo que é uma realidade. A tremenda estabilidade política do Segundo Império foi devida simplesmente à estreita aliança entre a família imperial e o exército. Na hora em que esta aliança acabou, acabou o Império, do dia para noite. Como acabou? O país se mete numa guerra, ganha a guerra, os oficiais e soldados

voltam para casa esperando ser condecorados e premiadas e não, foram desprezados, ganhando cada vez menos dinheiro, sendo preteridos nas escolhas para os ministérios, até que chegou uma hora em que não aguentavam mais e derrubaram o imperador. Isto quer dizer que o nosso estado, sobretudo a partir da proclamação da República, ele se forma muito pela agregação de lideranças regionais sem a menor conexão umas com as outras, que não têm o menor sentido de país mas que só pensam em sua regiões. O dia que a revista Veja falou da Roseana, dizendo que ela pensava que o Brasil era o Maranhão... mas aqui todo mundo pensa que o Brasil é o Maranhão. Se não pensa que é o Maranhão, pensa que é o Rio Grande, o Pará, São Paulo, são todos assim. Embora o estado seja grande em termos quantitativos, com muitos funcionários públicos, ele ainda é um estado extremamente mal organizado e indefeso. Por exemplo, Cuba mesmo daquele tamaninho tem um exército que é o dobro do exército brasileiro. Cuba poderia invadir o Brasil em duas semanas.

Auditório: poderia...

Quem vai impedir? Os americanos? Nós no Brasil vivemos muito na ilusão da onipotência americana e nós acreditamos que a mão americana está atrás de tudo; acreditamos nisso piamente. Se nós somos da esquerda nós acreditamos nisso e ficamos com raiva, se nós somos da “direita” nós acreditamos nisso e ficamos tranquilos. Só que isto não existe. Vou revelar aqui pela primeira vez um depoimento histórico que eu considero da mais alta importância. Uma vez eu quis tirar a limpo esta coisa da participação americana no golpe de 1964. Perguntei para um, para outro, até que cheguei na pessoa certa: o ex-governador de São Paulo e ex-ministro de Minas e Energias Paulo Egídio Martins. Eu perguntei se era verdade que os americanos ajudaram em 64 e ele falou: “não, de jeito nenhum; e eu sei disso porque eu que fui lá pedir ajuda e eles me botaram de lá para fora de maneira humilhante; eles me responderam: ‘você sabe quanto Cuba custa para a União Soviética por dia? Já pensou quanto custaria o Brasil? Portanto se os comunistas tomarem o poder lá a União Soviética está falida e isto é tudo que queremos’”. O raciocínio pode estar certo ou errado mas faz sentido dentro de uma cosmovisão capitalista. De ponto de vista comunista não porque estar falido não é motivo para o governo cair, ao contrário, estar falido é um grande estímulo, quando o governo está falido é só ocupar o país vizinho. Hannah Arendt estudou isto durante quarenta anos e ela dizia que é da natureza do estado totalitário a sua expansão até o domínio mundial; o governo totalitário mesmo que não queira fazer isto ele acabará fazendo porque ele vive disto. Ora, é normal que um sujeito que está dentro da perspectiva totalitária comunista que ele analise as democracias modernas como se o governante dos Estados Unidos tivesse o poder de um Stalin. Por exemplo, do ponto de vista comunista a CIA é apenas uma KGB capitalista. Mas a diferença entre CIA e KGB é o seguinte: a CIA tem dez mil olhos vasculhando o que ela está fazendo para denunciá-la no congresso e na KGB não tem ninguém olhando. Esta diferença é substantiva. Mas do ponto de vista da imaginação comunista isto não existe. Então eles acreditam que a CIA é capaz de tramar o assassinato de um presidente dos Estados Unidos. Eu vou dar mais um exemplo, a CIA nos anos cinquenta começou um programa de experimentos de tortura médica; não era para fazer tortura médica em ninguém, era só para ver quanto os caras resistiam, porque eles tinham visto que faziam tortura médica na Coréia, na China, e queriam testar a resistência humana, pegando meia dúzia de soldados que se ofereceram como voluntários para o programa. Isto para estudar o assunto, para ver como era aquele negócio que os coreanos estavam fazendo. Este programa alguém da imprensa descobriu, foi denunciado no congresso, todos os envolvidos no programa foram demitidos e punidos. Décadas depois um embaixador americano foi sequestrado no Líbano e foi interrogado no cativeiro por um dos técnicos que tinham sido demitidos do programa americano. Isto para você ver a total impotência de um órgão como CIA dentro de uma democracia. Agora, você fazer um paralelo CIA e KGB... só se for louco, este paralelo não existe. Mas de acordo com o critério comunista existe, porque ele raciocina somente em termos de poder estatal, ele não entende nem de economia de mercado nem de democracia.

Agora, o erro é dos três. Como é que o mussulmano descreve a nós? Eu já vi dezenas e dezenas de livros islâmicos que explicavam fenômenos como Hitler e Stalin como resultados do Cristianismo, porque para eles tudo que está para ocidente deles é civilização cristã. Eles estão interpretando tudo em termos de concorrência de civilizações religiosas. E se nós explicarmos que Stalin não tem nada de cristão e Hitler muito menos, eles não vão entender. Isto quer dizer que nós estamos lutando uma luta, os comunistas estão lutando outra e os mussulmanos lutando uma terceira. Dentro dessa luta cada um tem sua fraqueza e sua força. A nossa fraqueza é a nossa dificuldade de reconhecer que nosso princípio civilizacional, que é liberal, democrático e de economia de mercado, não é autônomo mas depende de conquistas históricas anteriores que não podem ser perdidas. Depende da restauração de bases morais que possibilitem a economia de mercado e a própria democracia, e depende de um Estado forte capaz de garantir a própria economia de mercado e a própria democracia. Se nós não resolvermos isto ou o banditismo nos comerá ou nós seremos reduzidos a pó dentro dessa tríplice competição.

Auditório: sobre o conflito na Palestina e sobre (??? Nota: fita não gravou).

Eu procuro nas minhas aulas distinguir entre o que é ciência e eu posso provar e o que eu acho, o que é mera opinião. O que eu acho eu não ensino não porque pode ser uma tremenda besteira, porque eu não tenho condição de certeza disso aí. Eu acho que o General Sharon entende que o objetivo da causa palestina não é a formação de dois estados mas a total eliminação de um. O motivo que ele tem para achar isto é que todos os papéis oficiais, todos sem exceção, da organização palestina têm escrito “estado palestino” enquanto está todo o território de Israel desenhado. Eu se fosse ele diria que acabou a conversa e o diálogo, agora isto é apenas uma coisa que eu acho que, eu não posso assegurar que esteja certo e também não sou capaz de colocar o problema na esfera moral diretamente. O julgamento moral destes atos políticos é complicado e não é não se faça, não é que sejam esferas separadas, porque não são, mas é difícil. Eu, que passei minha vida estudando as três religiões, cristão, judaica e islâmica, e que amo as três desesperadamente, eu gostaria que esta situação não acontecesse e isto é o máximo que eu posso dizer. Em certas situações eu acho que os mussulmanos estão certos, em outras eu acho que os judeus estão certos, mas tudo isso são sentimentos meus e eles não valem mais do que os de nenhuma outra pessoa. Eu não vim aqui para explicar minhas opiniões, eu vim para explicar o que é ciência e coisa que possa ser defendida ou refutada cientificamente. Quanto à outra pergunta, sobre o que deve predominar, é evidente que em todas as sociedades tem que haver um intercâmbio dinâmico das três forças. Mas o que eu disse que caracteriza o século XX é que se formaram blocos civilizacionais onde um dos fatores esmaga totalmente os outros. Tanto assim que o mussulmano está encarando a situação dele com o Ocidente como uma continuação das Cruzadas. Para eles Bush é o chefe dos cristãos, como outrora Stalin foi o chefe dos cristãos. É claro que esta análise é falsa, mas também é falsa a análise que o ocidental faz do Islam em termos de proveito econômico ou de vantagem econômica imediata. Assim como os dois juntos não entendem o bloco comunista, não entendem o que os chineses estão fazendo, porque enquanto todos estão aí nesta confusão os chineses estão enganando os americanos dizendo que estão liberalizando, como pela milésima vez fazem isto, como Lenin já fez isto e estão caindo de novo; porque como eles têm a mentalidade do poder econômico eles acreditam que liberalizando a economia você liberaliza o resto, mas ao contrário, você liberaliza a economia para enriquecer mais o poder estatal e fechar mais ainda. Com tudo que estão ganhando com os investimentos americanos os chineses estão comprando bombas atômicas, estão numa corrida armamentista consigo mesmos como nunca houve na história. Ou seja, estão comprando bombas atômicas para jogar naquele que os enriquece. Do ponto de vista da racionalidade comercial ocidental isto não faz sentido, mas do ponto de vista do raciocínio totalitário só isto faz sentido. Então a formação desses três blocos é uma situação anormal na história do mundo e temos que lutar intensamente para que os critérios das três castas entrem em circulação e se possa fazer diagnósticos mais reais do que acontece.

Auditório: temos agora o ano eleitoral... vamos supor que tenhamos um governo que resolva organizar a bagunça que é a segurança pública no Brasil e digamos que perguntem para você o que deve ser feito, o que você responderia?

Que problemão. Eu não tenho evidentemente nenhuma solução.

Auditório: mas aí eu queria saber o que o senhor acha.

Mas aí nós só poderíamos achar.

Auditório: complementando, por que chegamos nesta situação de anarquia na nossa vida diária na sociedade, nas grandes capitais, essa falta de autoridade, de responsabilidade... o que causa esta anarquia e a falta de uma ação coordenada?

Esta pergunta é enormemente complicada, mas em princípio e deduzindo a partir daquilo que eu mesmo acabei de expor, qualquer situação da sociedade humana terá três níveis de diagnósticos possíveis: se procurará primeiro um diagnóstico baseado na situação político-militar, portanto, também policial e administrativo; tudo isto é poder estatal, que é o que tem a ação mais contundente e de curto prazo; então os diagnósticos baseados na situação político-militar também são contundentes e de curto prazo. Num estrato mais profundo você terá que estudar a situação econômica. E num nível mais profundo e de mais longo prazo ainda você terá que estudar os fatores morais, culturais e psicológicos. Estes últimos criam o quadro dentro do qual aparecem os outros dois. A presente situação de segurança pública no Brasil tem raízes culturais muito fundas, de mais de cinquenta anos. Entre os anos cinquenta e os anos setenta nós tivemos uma espécie de ruptura da história cultural brasileira. Se você examinar a intelectualidade brasileira até os anos sessenta você verá que aquilo estava alcançando um padrão idêntico a de qualquer outro país do mundo. De repente houve uma queda vertiginosa. A queda vertiginosa coincide, por incrível que pareça, com a ampliação dos meios de acesso aos estudos universitários, a classe intelectual se amplia formidavelmente e decai para baixo do poço. Na mesma medida em que isto acontece as discussões públicas se simplificam até o nível da imbecilidade. E quando a própria elite falante, que é a que está incumbida mais ou menos de iluminar o caminho – lembrem que eu disse que a função da casta sacerdotal é interpretar o sentido e dizer para onde estamos indo – quando ela mesma tem seu horizonte temporal restringido a dois anos, cinco anos ou uma semana então ninguém mais está enxergando nada. Quando aparecem pessoas que dizem seriamente que a causa do banditismo é o desemprego então não é possível mais uma discussão séria. Esta hipótese simplesmente não é para ser lavada em conta. Não existe nenhuma casuística no mundo que jamais tenha comprovado isto, você não tem um único caso. Quando aparecem outras pessoas dizendo que o banditismo existe porque se vende armas em lojas e não é um idiota qualquer, não é um deputado, é um cientista político da USP, Paulo Sérgio Pinheiro, que aparece dizendo isto, como podemos falar em debate público? Eu estaria disposto a discutir o assunto com ele se ele me mostrasse um único caso de assalto feito com armas compradas em lojas, um único. Se tivesse um único então existiria a possibilidade de 0,0001, mas quando você não tem nem isto para mostrar e a pessoa discute a coisa seriamente, então, como diria Stanislaw Ponte Petra, entramos no perigoso reino da galhofa. E no entanto o homem fala isto com toda seriedade, usando de toda sua pompa de professor da USP, então todo o debate nacional se transformou numa palhaçada. Eu publiquei dois volumes do “Imbecil Coletivo”, que é o Febeapá dos intelectuais, e tenho três outros prontos. Isto quer dizer que o Febeapá dos intelectuais é interminável, e a gente ri para não chorar. Não adianta nós tentarmos diagnosticar as causas ou econômicas ou político-administrativas do banditismo se não se tem uma idéia das causas culturais. Agora, um país que está tão perdido e tão desorientado que se permite discutir seriamente idéias pueris como esta, como não haveria de ter banditismo? Se a própria classe

orientadora está totalmente desorientada, se ela não sabendo o que dizer se apega a slogans idiotas e começa a raciocinar como cabo eleitoral... o sujeito fornece um diagnóstico do banditismo não porque o banditismo tenha realmente aquelas causas mas porque ele acha que dizendo aquilo ele vai eleger o Lula, então nós estamos entrando num processo de degradação da mente, da inteligência e da consciência humana, e não adianta querer remover as causas economico-sociais e político-militares do banditismo se antes não corrigirmos isto. Se você tem um amigo e ele tem dois problemas, por um lado ele está desempregado e por outro lado ele está louco, qual dos dois problemas você acha que deve resolver primeiro? O problema econômico dele? O problema do Brasil é este, a nossa classe falante está louquinha, despreparada, burra. Nós temos que corrigi-la antes. Nós não temos que resolver o problema do banditismo, nós temos que criar uma elite pensante e falante capaz de resolvê-lo, nós não podemos ir direto neste ponto. Agora, com gente como o professor Paulo Sérgio Pinheiro e Rubem Cesar Fernandes discutindo a coisa... “não é uma coisa séria” como diria Pirandello. Este pessoal é simplesmente ridículo, grotesco, não há a menor capacidade de discutir a coisa. Ou seja, nós temos que afinar um pouco nosso senso de ridículo e quando certas pessoas disserem certas coisas nós devemos passar a mão na cabeça delas porque o médico mandou não contrariar, e devemos discutir nós a coisa seriamente.